

Transcrição: Memórias Compartilhadas de Israel Simões

Israel Simões: É um imenso prazer, novamente estar nessa sala aqui que me evoca muita, muita lembrança, porque eu participei do festival de 1992. Bom, minha vida musical, na verdade, eu morava na cidade de Rio Claro, mais ou menos uma hora depois de Campinas, e ali tem até hoje uma Orquestra Sinfônica de Rio Claro. Na época, na década de 90, era uma orquestra interessante, porque era uma junção de várias orquestras, que era a Orquestra de Campinas, Americana e, principalmente, músicos e professores do Conservatório de Tatuí.

Então era uma orquestra, vamos dizer, a despeito de ser amadora, uma orquestra que foi um celeiro de grandes músicos. E comecei a trajetória em 1988. A prefeitura abria oportunidade para estudantes de escola do Estado e eu comecei em 1988. Eu e vários amigos, inclusive, que participaram no festival.

Em 1992, na véspera da abertura da inscrição para o Festival, tinha uma professora, uma violinista excelente, Celisa Amaral Frias, que era professora do Conservatório de Piracicaba, cujo expoente no Conservatório era um grande compositor: Ernst Mahle, que faleceu recentemente. Piracicaba também era um polo cultural muito forte.

E eu ganhei uma bolsa para estudar lá em Piracicaba com a Celisa Amaral. E estudando bastante, abriu concurso. Fiz a inscrição, a prova foi feita no Bom Retiro. Eu cheguei, entrei na sala, toquei o que era para tocar. Daí tive a leitura a primeira vez, que foi a Quarta de Beethoven. Me senti bem e fui aprovado. Fiquei super entusiasmado.

Daí marcaram o encontro no dia 4 de julho de 1992. Todos que passaram ali, no mesmo lugar, vários ônibus que viriam para Campos. Cheguei em Campos pela tarde, subi a montanha e fiquei deslumbrado.

O concerto de abertura, classicamente, era pela OSESP, a Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, cujo maestro era o famigerado Eleazar de Carvalho. Figura icônica no mundo musical, ele falava de forma imperativa. A Osesp entra, e ele abre dizendo que a melodia mais instigante, para ele, seria o Hino Nacional. Ele bate no peito — se você olhar o vídeo, ele dá uns trancos no peito — fala firme e todo mundo levanta. Fiquei emocionado. A orquestra tocou com vontade.

No primeiro dia, isso foi dia 4. No domingo foi livre, conhecendo Campos. Na segunda-feira foi um momento tenso, porque todos violinistas e professores... esse festival foi interessante porque o professor Airton Pinto convidou vários violinistas. Ele era o coordenador, mas havia outros professores: Airton Pinto da Unesp, Salomão Rabinovitz da Bahia, a grande violinista de Brasília Valeska Hadelich e a professora Celisa Amaral. A gente escolhia os professores com quem tinha mais empatia. Como eu já estudava com a Celisa em Piracicaba, decidi continuar com ela.

O preventório era um prédio antigo, com várias salas, três andares. Terminava o ensaio e fámos para lá de ônibus, todos os bolsistas, para as aulas. Uma coisa super engraçada aconteceu: eu tive aula com a Celisa, e ela falou que naquela semana tocaria Beethoven com a Orquestra Sinfônica de Campinas, precisava ensaiar, então pediu para eu escolher outro professor de violino. Um dos professores era o Capela, antigo spalla da Osesp, com mais de 30 anos de orquestra. Eu pensei: vou ter aula com ele.

No dia, Júlio Medaglia falou que tocariam no final a Nona de Beethoven, o quarto movimento, e entregou a partitura de manhã. Difícil para todo mundo. Para o segundo

violino, uma sequência de oitavas, uma quebradeira.

Ele comentou que o Capela era o "rei do dedilhado". Ninguém podia mexer no dedilhado dele. Eu, com meus 18 anos, inocente, fiz o meu dedilhado na partitura em meia hora. Ridículo. Fui para a aula. O Capela estava com um aluno da Paraíba, bom violinista. Ele perguntou: "O que você vai tocar?" Eu falei: "Um pedaço da Nona." Ele viu meus rabiscos em cima do dedilhado original e me perguntou por que eu inventei aquilo. Toquei, errei, engasguei, e ele me detonou. Não humilhou, mas deu um puxão de orelha: "Pense. Você tem o dedilhado aqui e quer inventar outro?"

Outra coisa marcante foi que, com 18 anos, sem dinheiro, sem pix, eu ficava no preventório nos domingos, enquanto colegas iam para Capivari. E um dia, num domingo ensolarado, Eleazar de Carvalho apareceu no preventório. Ele deu uma aula fantástica sobre a Nona de Beethoven, com vários detalhes. Terminou a palestra e ficou olhando para nós fixamente. Não entendemos. Aí alguém começou a aplaudir e todos seguiram.

Teve também uma orquestra de câmara da Rússia que tocou a Serenata de Tchaikovsky. Um concerto fantástico. O Capela falou da postura dos russos no palco: que não bastava tocar bem; postura era tudo. Nossa vida precisa de ritos. E o Festival de Campos do Jordão demarca esse rito, independentemente de você se tornar profissional ou não. Estou aqui 33 anos depois relembrando fatos marcantes.

O teatro está imerso na natureza — diferente de hoje. Em 1992, todo dia tinha concerto no teatro. Orquestras de alto nível, programação intensa. Hoje virou algo mais "ISO 9000", pulverizado por São Paulo. Tudo bem, mas não é como nos anos 90. A interação começava já no ônibus, vindo para cá. O teatro parece incrustado na natureza. Música é vibração — não só sonora, mas de relações. A metrópole desafina: carros, buzinas, motoboys, gritaria. Campos te descola dessa desafinação. A dissonância é uma estrutura musical; desafinação é outra coisa.